

An illustration of a lush green forest. In the upper right, a small white house with a red roof and a red door sits on a small patch of ground. To the left, there are various plants, including a large green leafy plant and some yellow and red flowers. The background is a dense green forest.

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL
DA TERRA INDÍGENA JAMINAWA
ARARA DO RIO BAGÉ

An illustration of a river flowing through a forest. On the left bank, there are three houses: a white one with a red roof, a blue one with a red roof, and a white one with a red roof. On the right bank, there are two houses: a blue one with a red roof and a pink one with a red roof. In the river, there are two large black fish, a red fish, and several yellow fish. The background is a dense green forest.

Realização

Associação Jaminawa Arara do Rio Bagé - AJARB
Associação do Movimento dos Agentes Agroflores-
tais Indígenas do Acre - AMAIAAC
Comissão Pró Indígenas do Acre – CPI-Acre

Organização e edição

Maria Luiza P. Ochoa
Davi Polari
José Frank de Melo Silva

Revisão Técnica

Renato A. Gavazzi

Revisão Língua Portuguesa

Taciana Bylaardt Volker

Colaboradores

Maria José Gomes Siqueira
Socorro Arara Cirqueira
Nádia Lima Batista Shawadawa
José Roberto Batista
José Francisco Siqueira
Vera Olinda Sena de Paiva

Mapas georreferenciados

Davi Polari | SEGEO/CPI-Acre
José Frank de Melo Silva | SEGEO/CPI-Acre

Fotos

Ila Verus
Socorro Arara Cirqueira
Nádia Lima Batista Shawadawa
Rosilene Antônio Cazuza
José Roberto Batista
José Francisco Siqueira
Alaildo Cirqueira
Davi Polari
José Frank de Melo Silva
Maria Luiza P. Ochoa
Gleyson de Araujo Teixeira

Ilustrações

Projeto gráfico, capa e diagramação

Lumina Comunicação & Arte

Apoio

Manos Unidas
Rainforest Foundation Norway

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL
**DA TERRA INDÍGENA JAMINAWA
ARARA DO RIO BAGÉ**



Rio Branco - Acre
2025

Legenda

- ▲ Aldeias
- Placas de demarcação
- Vizinhos do entorno
- ◆ Revisão de limites da TI
- Caminhos
- Hidrografia
- Rio Bagé
- Município
- TI Jaminawa Arara do Rio Bagé
- Resex Alto Junú
- Resex Alto Tarauacá
- Resex Rzinho da Liberdade
- Área sem Discriminação

Infraestrutura

- ▲ Cacimba
- Cemitério
- ▲ Kupishawa
- Ponto de cultura
- Açude
- Casa de Farinha
- Escola Padrão
- Igreja
- ▲ Maloca
- Ponto de Conservação de Vicina
- Pushu Sháwa
- Viveiro

Uso da terra

- Aldeia antiga
- Capoeira
- Capoeira antiga
- Pasto
- Prata produtiva
- Roçado de amoz
- Roçado de banana
- Roçado de cana-de-açúcar
- Roçado de roça

Projeção: UTM, Zona: 18 L, Datum: Sirgas 2000
Fonte: Município, Área sem Discriminação - ZEE/SEMAPI
Comissão Pró Índigena do Acre, Oficina de Atualização do PGTA da Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé
Produção cartográfica: SEGEIO/CPI-Acre - 2025
SEGEIO/CPI-Acre - 2025

O acesso à Terra Indígena é realizado por via fluvial, e dista da sede do município de oito a quinze horas no inverno e até trinta e seis horas no verão, podendo levar três dias de viagem até a última aldeia. Partindo da sede do município de Marechal Thaumaturgo, inicia-se a viagem pelo rio Juruá, em seguida, navega-se pelo rio Tejo, um afluente da margem esquerda do Juruá, e, por fim, pelo rio Bagé, um afluente da margem esquerda do Tejo.

Para chegar à Aldeia Bom Futuro e à recém formada Aldeia Boa Esperança (2024), deve-se entrar no igarapé Braço Esquerdo, afluente da margem esquerda do rio Bagé. O acesso às aldeias Siqueira, Buritizal e São Sebastião é feito através do rio Bagé. Ao todo, as famílias estão distribuídas nas cinco aldeias: Bom Futuro, Buritizal, Boa Esperança, Siqueira e São Sebastião.



A Conquista do território

Antônio Siqueira, liderança tradicional

Vou contar, desde o começo, a minha luta. Eu, com idade de sete anos comecei a cortar seringa, me criei na seringa, cortei até os 65 anos. Criei duas famílias, primeiro criei meus irmãos e minha mãe. Depois foi que arrumei família, quando tinha 28 anos. Meu pai morreu, meus irmãos ficaram, todos pequenos. Cortava seringa, brocava roçado, caçava, mariscava, fazia tudo. A minha primeira luta foi essa.

Agora vou falar um pouco sobre a luta pela Terra. Em 1984 apareceu a Funai perguntando se os indígenas queriam terra. Eu estava no São Francisco, trabalhando com o patrão. Quando chegaram era umas sete e meia, encostaram o batelão e deram com a mão chamando. Descemos, eu, mais dois irmãos e um primo.

- Bom dia, bom dia, como é que vamos? Rapaz, vou bem, tu estás com saúde, tá bem.

- Eu chamei vocês aqui para conversar. Vocês estão sabendo com quem é que vocês estão conversando?

- Respondi, não, senhor, eu não sei com quem é que eu estou falando.

- Vocês estão conversando com o pessoal da Funai. Vocês querem terra para morar? - Rapaz, é bom, se a gente não foi atrás, o governo e a Funai já vêm oferecendo. Então a gente não pode perder, porque ninguém vai dizer que não, estamos morando no seringal do patrão, chegou a nossa vez. Então a gente vai dizer que quer, nós queremos.

- Quanto tempo faz que vocês moram no Dourado? Eu estou com cinco anos que moro no Dourado. Mas eu nasci na beira desse rio, lá em cima, acima do Boa Vista, acima da Restauração. Foi lá onde eu nasci, me criei, saí de lá com a idade de 20 anos. Fui para o Seringal Alagoas, depois fui para o Riozinho do Vale.

Trabalhei, e quando foi para findar o ano, vim-me embora. Eu vim olhar minha mãe, como é que ela estava com meus irmãos.

Passei três dias com ela, depois voltei para a colocação onde estava trabalhando. Na hora da saída disse para minha mãe: - a senhora me espera que eu não vou demorar, volto logo, vou prestar conta com o patrão.

Voltei pro seringal e no dia que cheguei de madrugada, o patrão me chamou para tomar café. Fiquei conversando e falei para ele:

- Seu Chico, quero a minha conta, dos dez dias que trabalhei. Vamos descontar o que devo, eu vou embora. Vou morar com os meus irmãos, vou voltar para cuidar deles.

Voltei para cima do Tejo, cheguei na boca do Camaleão, falei para minha mãe, se arruma que vamos embora. Eu tinha uma canoa, tinha deixado lá. Eu falei - vamos colocar as coisas na canoa e vamos embora.

Descemos até a Restauração, da Restauração, subimos para dentro do Riozinho até a boca do Manteiga e entrei

para dentro do Manteiga. Na primeira colocação parei. Lá o pessoal me conhecia, me deixaram passar, a mulher que morava lá era minha parente. Passamos dois dias e viemos para a Beira Alta, para o Dourado, ainda no Tejo.

Trabalhei dois anos na Beira Alta e fui pro Manteiga. Na beira do Manteiga fiquei e saí de lá de novo, vim para a derradeira colocação do Dourado. Trabalhei 16 anos, aí vim para cá no Bagé, foi o tempo de conquistar a terra. Fiz reunião com meus parentes. Meus parentes disseram que só quem podia batalhar era eu mesmo, quando foi para ir para Cruzeiro do Sul, tinha 600 cruzeiros que tirei de saldo nesse ano.

Baixei para Cruzeiro do Sul e fui procurar o chefe de posto da Funai para conversar. Conversei com ele, me perguntou onde queria que fosse a Terra Indígena, rapaz a gente vai querer no Bagé.

- Então, vamos quando chegar o projeto e levar alguma coisa para deixar para vocês.

Respondi - Não quero saber do projeto, eu quero saber se você vai logo fazer o levantamento.

- Rapaz, como você está avexado, mês de fevereiro eu vou, pode me esperar que eu vou. Quando sair daqui, vou passar uma mensagem para você nos encontrar no Bananal.

- Eu respondi, está bom, na colocação Bananal.

Vim embora. Fiquei todos os dias aguardando a mensagem, quando saiu a mensagem falando que estava vindo fui encontrar com eles no Bananal.

O pessoal da Funai fez a reunião na boquinha da noite e fizeram o levantamento da população. Quando terminou o levantamento, chegou até a boca do Esquerdo. Então, em 1986/7 surge a Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé, que já era ocupado pelos povos indígenas, os Araras do Bagé, depois vieram os Jaminawa, moramos misturado com Jaminawa. Foi por isso que essa terra pegou o nome Jaminawa Arara, porque eu sou Arara, minha esposa é Jaminawa, não vou negar, não vou mentir. Por isso que pegou o nome de Jaminawa Arara. Foi reconhecido pelo documento da Funai em 1998 como Terra Indígena e homologada a sua demarcação no Decreto de 11 de dezembro de 1998.



A chegada no Rio Bagé

Sebastião Siqueira, liderança antiga

Gostaria de compartilhar sobre nossa chegada ao Bagé em 1986. Contando a história dos nossos mais velhos.

A primeira moradia que visitei dentro dessa Terra Indígena foi o Bananal (antigas colocações de seringais), onde vivia nosso avô Crispim, um dos pajés mais respeitados. Naquela época, eu era apenas uma criança, mas já conhecia o Bananal, que abrigava 12 famílias. Crispim era casado com oito mulheres e criava 13 cabeças de gado, além de alguns cabritos.

Quando retornei para trabalhar com a extração de borracha em outros seringais, voltei ao Bagé para viver novamente nesta Terra Indígena, próximo ao rio onde moramos atualmente. Em 1986, ao chegarmos, descobrimos a primeira maloca, que representava a correria de

nossos parentes que vieram da Bahia (antigas colocações de seringais).

Na foz do Rio de Janeiro, se você perguntar aos moradores mais antigos, eles lembram de uma capoeira à beira do rio, onde encontramos 26 camburões enterrados. Esses camburões estavam em duas fileiras, todos queimados. Conseguimos recuperar quatro deles, que o pai do Roberto Siqueira havia encontrado, cada um com capacidade para 40 litros de água. Conseguimos resgatar quatro camburões em boas condições, que trouxemos para nossas casas. Um foi enviado para a colocação Bahia, outro para a colocação Rio de Janeiro, um terceiro ficou no São Pedro e o quarto foi dado a outros parentes.

Quando sonhamos em criar esta Terra Indígena, descobrimos que houve uma grande correria entre os Arara. Meu pai e meu tio, que eram os mais velhos, contavam para nós sobre nossos parentes que tinham uma maloca nas proximidades, do igarapé Braço Esquerdo. Infelizmente, eles foram mortos, e os que sobreviveram se deslocaram. Depois, retornaram ao rio Tejo e, de lá, alguns se mudaram para o Bagé, enquanto outros foram para o rio Dourado. Fomos capazes de traçar o caminho até o rio onde nossos parentes haviam vivido no passado.

No período dos patrões e dos seringueiros, conseguimos chegar ao Bagé e iniciar a construção de nossas moradias. As primeiras moradias que tivemos foram em diversos rios e colocações: Rio de Janeiro, São Pedro, Bahia, igarapé Preto, Brasília, Santa Maria e Bananal. Quando chegamos a essas localidades, enfrentamos problemas com os patrões e os seringueiros, pois havia uma história que alegava que estávamos tentando reivindicar toda a região como Terra Indígena, sem oferecer uma compensação.

No início da nossa chegada, um funcionário da FUNAI chamado Marco Antônio, entrou na região do Bagé. Ele realizou uma revisão da terra, mapeando a área da foz do Igarapé Braço Esquerdo. O que aconteceu foi que continuamos a morar na região, enfrentando dificuldades e conflitos. Fomos ameaçados pelo patrão e por alguns seringueiros que não compreendiam nossa luta, mas conseguimos resistir. Os patrões e os marreteiros pediram que não vendessem nada para os índios, forçando-nos a viver com o mínimo e sem recursos adequados. Apesar de tudo isso, nós aguentamos.

Naquela época, eu era jovem, mas meu pai, que era mais velho, e meu tio, Antônio Siqueira, que ainda está vivo, foram figuras fundamentais. Embora ele não esteja aqui presente, todos nós devemos agradecer de coração a ele, pois foi uma das primeiras pessoas a se esforçar por esta Terra Indígena. Ele enfrentou muitos desafios, mas conseguiu garantir essa terra em nome do nosso povo. Hoje, como parte da segunda geração, queremos expressar que, se tivéssemos tido acesso ao conhecimento necessário sobre as entidades

competentes no passado, poderíamos ter conseguido assegurar a Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé, da foz do igarapé Braço Esquerdo para cima. Não buscamos ser os melhores, mas acreditamos que a compreensão e a informação poderiam ter feito toda a diferença na nossa luta. Conseguimos reivindicar a área desde a foz do rio Bagé até as cabeceiras, pois era um direito nosso. Nossos ancestrais já habitavam essa região, com capoeiras e cantos que testemunham sua presença antes da chegada dos seringueiros. Se tivéssemos corrido atrás desse direito, com o apoio da FUNAI, do presidente em Brasília e do governo estadual, poderíamos ter garantido todo o território do Bagé. No passado, éramos crianças e não tínhamos conhecimento sobre essas questões. Aqueles que entendiam a situação faziam um grande esforço para articular a ocupação de um pedaço de terra. Entre eles, destacam-se três homens que tiveram um papel fundamental na luta pelo nosso território: Antônio Siqueira, Zé Sabino e Sebastião Moreira. Esses homens enfrentaram grandes desafios com os seringueiros e os patrões para assegurar a Terra Indígena que temos hoje. Quero

ênfatizar é que tudo o que nossos antepassados conquistaram foi fruto de muito esforço e dedicação. Espero que nós, que estamos na luta hoje, possamos fazer ainda melhor.

É importante reconhecer onde chegamos e também que ainda temos muito a conquistar. Não estamos pedindo favores a ninguém, nem a qualquer autoridade competente. Queremos simplesmente reivindicar nossos direitos, com a compreensão de que precisamos nos apoiar e respeitar uns aos outros, fazendo sempre o que é certo.

No ano passado, durante o acampamento Terra Livre em Rio Branco, enfrentamos discriminação, onde falaram que os indígenas apenas queriam terra para morar, sem considerar que também precisamos de espaço para cultivar e cuidar da nossa terra.

Hoje, nas Terras Indígenas, somos os verdadeiros preservadores. Se há invasões, elas ocorrem dentro das nossas

terras, mas nós estamos comprometidos em cuidar delas, não apenas para nós, mas também para o governo. Aqui, não estamos criando leis; estamos cumprindo as leis que existem. Tudo o que fazemos está dentro do certo. Muitas vezes, somos criticados, mas somos os melhores preservadores das nossas Terras Indígenas, e isso é importante que todos saibam.

Acredito profundamente em vocês, jovens que estão na luta hoje, como Roberto, Francisco, professores, agentes de saúde, Agente Indígena de Saneamento Ambiental (AISAN) e todas as crianças que representam nosso futuro. No passado, até mesmo os adultos tinham dificuldade em se apresentar e expressar suas funções e necessidades.

Hoje, vejo crianças do primeiro, segundo e terceiro anos se comunicando de maneira muito mais clara e confiante do que nós fazíamos. Durante esta reunião e nas oficinas que estão acontecendo ao longo de cinco dias, essas crianças estão se apresentando, dizendo seus

nomes, de qual aldeia vêm, seu nível de escolaridade e o que aprenderam. Elas desenham com orgulho suas moradias e o trabalho realizado em nossas comunidades.

Quero ressaltar a importância de nos identificarmos e falarmos abertamente sobre nosso Plano de Gestão Territorial e Ambiental, pois isso é algo que diz respeito a todos nós. O que fazemos aqui e as decisões que tomamos são fundamentais para o nosso futuro. Precisamos agir, aprovar e cumprir nossas responsabilidades, garantindo compromisso e responsabilidade. Você, liderança que ocupa a posição de cacique geral e presidente da associação, deve sempre fazer o que é certo para promover a autonomia e o bem-estar dentro da Terra Indígena e para que todos possam ver. Por isso, quero convocar cada um de vocês a se preparar para as ações necessárias para nosso povo, não apenas para aqueles que estão presentes hoje, mas também para as futuras gerações que nascerão.





Apresentando Nosso Plano de Gestão

José Francisco Siqueira Arara, liderança geral

O Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé, elaborado por nós, Povos Jaminawa e Arara do Rio Bagé, se apresenta não só como um documento interno para as nossas comunidades das cinco aldeias, mas como instrumento de diálogo com a prefeitura de Marechal Thaumaturgo, com o governo do Estado, com o Governo Federal, bem como com outras instituições indígenas e indigenistas parceiras.

É um documento orientador de como usar o nosso território, nos dá autonomia de como trabalhar para proteger e desenvolver nosso povo, para que esteja fortalecido na cultura, com uma alimentação saudável, com o território sustentável e protegido. Por isso é importante tê-lo como documento, para que quando alguém chegue, a gente apresente para eles os acordos de gestão do nosso território.

O Plano de Gestão é importante por ser um plano coletivo, e não é um plano individual, com propostas de cada liderança, de cada pai de família, mãe de família, participação de alunos e alunas. Os jovens são o futuro do nosso território, e estão sendo preparados para serem os nossos representantes. É importante a participação dessas crianças, porque eles também vão começar a ter algumas experiências, vão começar a ouvir de como articular dentro e fora do nosso território.



O Plano de Gestão traz uma demanda muito grande de trabalho, tanto dentro quanto fora do território, porque também é um projeto de vida nosso. É um projeto aprovado por todos nós, e devemos cumprir com nossos acordos, fazer as coisas acontecerem, tanto na parte da organização interna quanto da Associação Jaminawa Arara do Rio Bagé (AJARB) como organização que nos representa fora do território, para que todas as entidades conheçam o nosso planejamento e o respeitem.

É um trabalho coletivo do povo Jaminawa Arara, e tem que ser respeitado, porque ali estão escritos os indicativos para projetos de gestão do território, do nosso povo. Então para isso é que a gente fez a validação e a atualização.

A atualização do Plano de Gestão teve contribuições diferentes, da mulher, dos alunos, de lideranças do nosso povo, das lideranças da Reserva Extrativista Alto Juruá, principalmente da Terra da Borracha, Cassiri e da comunidade Seringueirinha. Essas participações foram fundamentais para nosso Plano de Gestão, para a gente ter mais firmeza, para estar mais forte, mais fortalecidos.

Tudo que foi acordado, tem que colocar na prática, porque se só falar, está no livro, está na escrita, está bonito, mas nós devemos cumprir com nossos acordos. Nossa decisão vai acontecer da forma que a gente espera para a melhoria e o desenvolvimento do nosso povo.



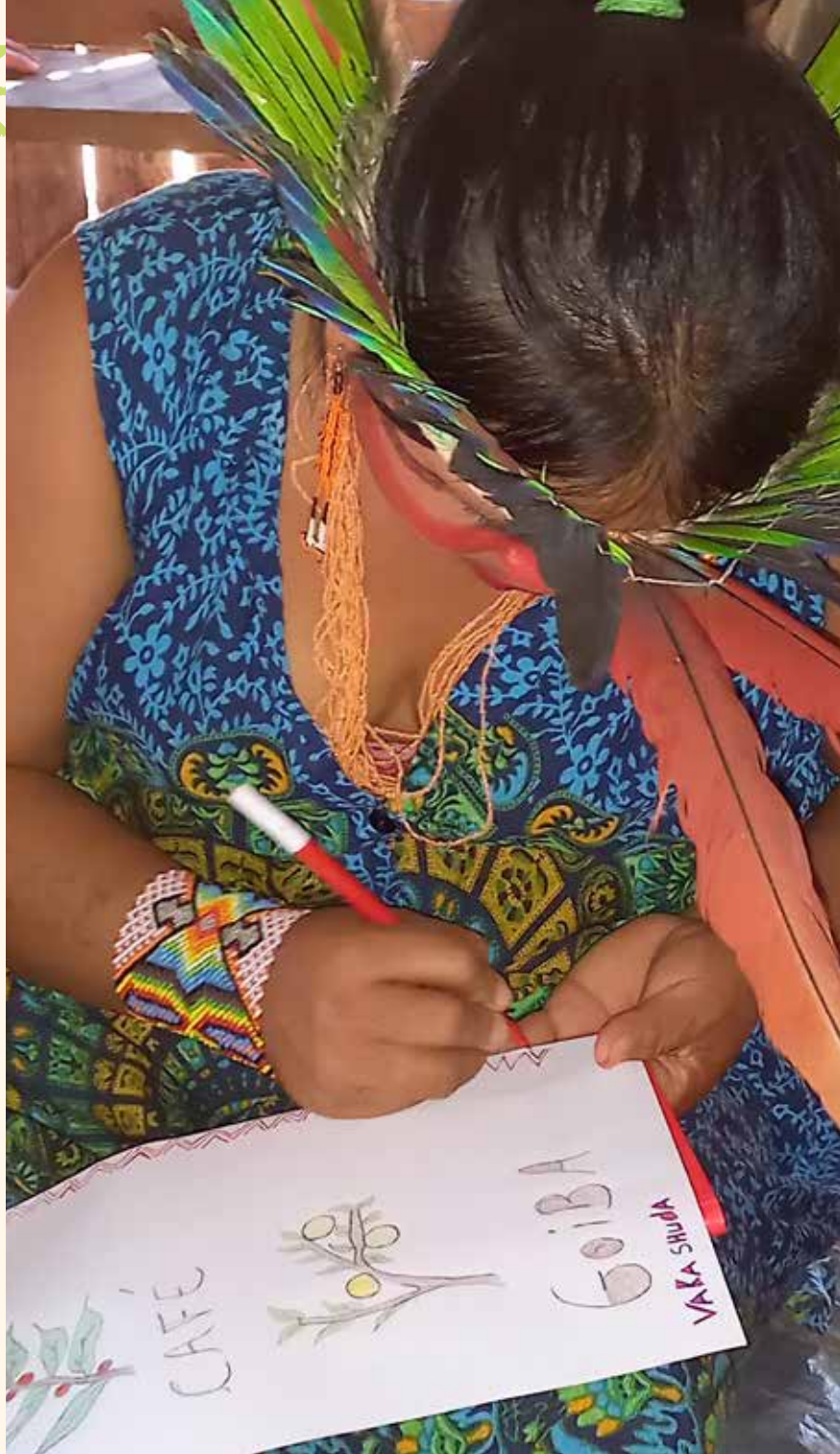


Como fomos atualizando o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena

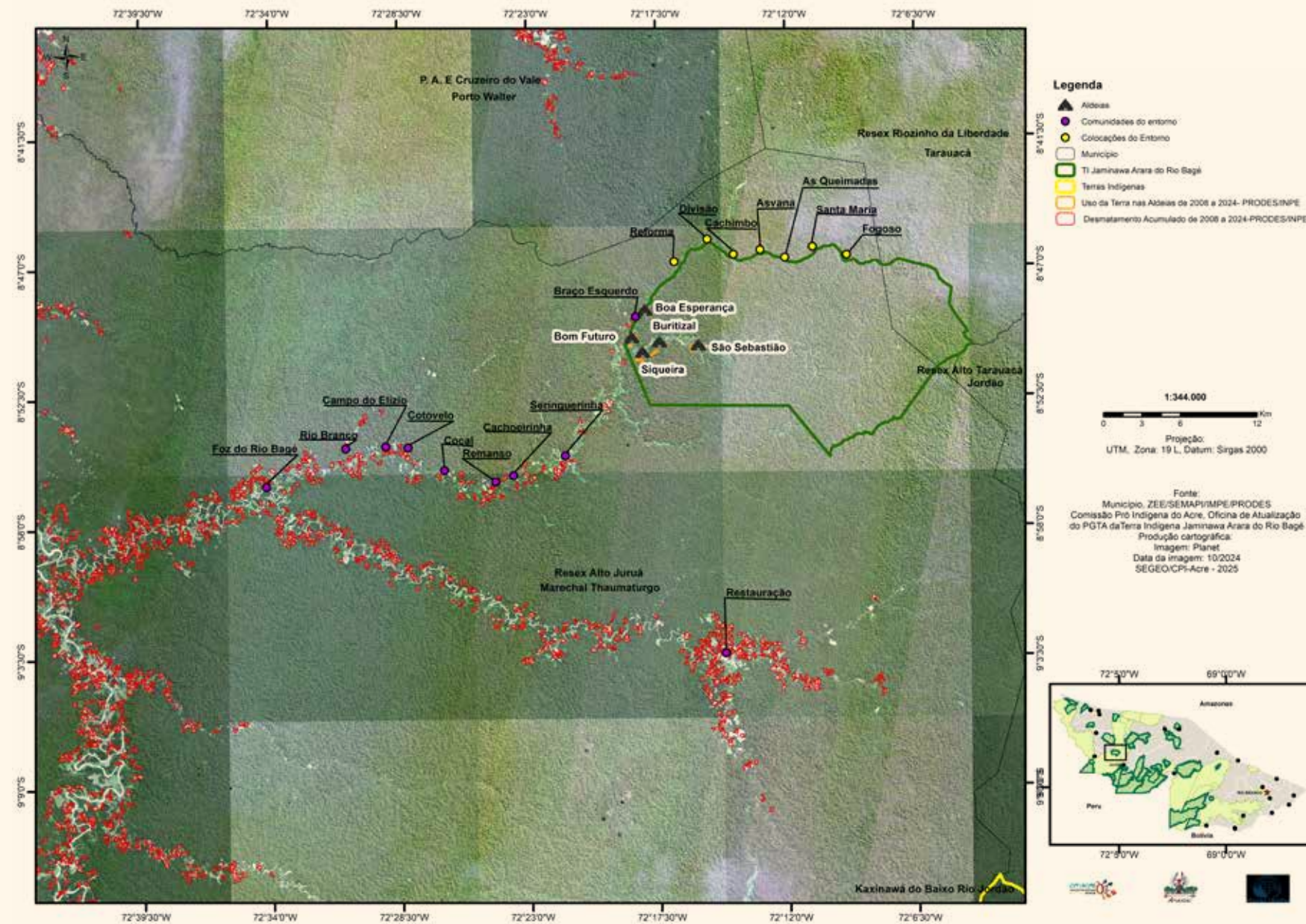
José Batista Siqueira, presidente da AJARB

Foram realizadas duas oficinas para a segunda atualização do plano de Gestão da Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé, nas aldeias Bom Futuro, em 2024, e São Sebastião, em 2025. Teve a participação de várias lideranças, professores, agente de saúde, Agente Indígena de Saneamento Ambiental (AISAN), Agente Agroflorestal, parteiras, pajés, alunos e da diretoria da associação, moradores das cinco aldeias da Terra Indígena.

Para mim, foi muito importante os dias que foram trabalhados, foram discutidos e planejados. Os acordos que saíram, não são da diretoria, nem nós como cacique local, nem dos professores, é um acordo de todos, sendo construído por todos, sendo discutido, decidido por todos. Então são coisas nossas que estamos fazendo junto.



Mapa de Gestão Integrada e Ambiental Integrada da TI Jaminawa Arara do Rio Bagé



Mulheres participando da gestão territorial e ambiental da Terra Indígena

José Batista Siqueira, presidente da AJARB

Foram realizadas duas oficinas para a segunda atualização do plano de Gestão da Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé, nas aldeias Bom Futuro, em 2024, e São Sebastião, em 2025. Teve a participação de várias lideranças, professores, agente de saúde, Agente Indígena de Saneamento Ambiental (AISAN), Agente Agroflorestal, parteiras, pajés, alunos e da diretoria da associação, moradores das cinco aldeias da Terra Indígena.

Para mim, foi muito importante os dias que foram trabalhados, foram discutidos e planejados. Os acordos que saíram, não são da diretoria, nem nós como

cacique local, nem dos professores, é um acordo de todos, sendo construído por todos, sendo discutido, decidido por todos. Então são coisas nossas que estamos fazendo junto.

Maria José Gomes batista, coordenadora geral das mulheres

A grande importância que achei durante a atualização do nosso plano de gestão é que nós mulheres estamos reivindicando mais uma vez a nossa participação, porque no outro plano de gestão não tinha mulheres participando. Desta vez, estamos participando, a primeira importância foi essa.

A outra importância que me chamou a atenção, foi discutir sobre a crise climática. A gente não tinha essa discussão aqui dentro da Terra Indígena, ninguém tinha muita informação. Estamos sentindo as mudanças do clima, porque as informações que a gente tinha vinham mais das pessoas, quando participam de eventos lá fora, o cacique geral, o presidente da associação, a gente tinha informação por eles. Eu também já ouvi muito lá fora, agora estou mais informada, atenta e as mulheres também que estão participando ficaram bem atentas. Se nós não ajudarmos com o nosso plano de gestão, como foi debatido, se nós não ajudarmos os homens a fazer tudo direito, nós vamos sofrer ainda muito mais com a crise climática.

Vamos evitar a poluição com o lixo, vamos ajudar nas pesquisas dos roçados, para não colocar na beira do rio, a gente vai ficar fazendo reunião, dando a nossa orientação e contribuição.

Não vai ficar de qualquer jeito, esses assuntos que vieram para dentro da nossa Terra Indígena. Vamos ficar orientando os jovens, as mulheres e mesmo os homens, quando eles estiverem deixando de andar no certo, a gente vai lá e vai fazer

essa cobrança para eles também, para não fazer coisas que vão prejudicar a nós e ao mundo todo.

Eu também acompanhei o trabalho com o mapa. Vi o que tinha e o que não tinha mais dentro da Terra Indígena. Sobre os animais, o que avançou na segurança alimentar durante esses anos? O que avançou mais nas madeiras de lei? O que nós estamos fazendo para segurar a nossa floresta em pé?

Estamos ajudando muito os agentes agroflorestais. Eles também estão indo buscar mais conhecimento, trazendo para dentro da Terra Indígena para nos ensinar, para deixar a nossa floresta em pé.

Sobre os animais, como que está a situação da caça? A gente viu que nós também podemos ajudar nessa convivência com os animais. Uma coisa que eu fiquei pensando é que nós temos poucas espécies de caça perto das aldeias, pensei que é por causa, como o José Batista falou lá no mapa da caça, é porque as aldeias estão muito perto uma das outras. A gente vai fazer um meio para que eles cheguem perto da aldeia. Jabuti, a gente vai buscar, eu estava falando que tem coisa que a gente pode deixar perto da aldeia, paca, cotia. E os outros animais que eu estava falando de buscar de mais longe e deixar perto, porque nós já estamos velhos, não vamos pensar em nós, vamos pensar no nosso futuro, em nossos filhos, nossos netos que estão nascendo. Porque se for acabar tudo o que tem de perto e longe, se não cuidar e fizer tudo direito. Está no nosso plano as nossas palavras.



A importância das mulheres na atualização do plano de gestão

José Batista Siqueira, presidente da AJARB

Um dos assuntos importantes que a gente discutiu foi a participação das mulheres e como as mulheres podem contribuir nesse novo plano de gestão? porque na primeira criação do plano de gestão não tinha a participação das mulheres, somente na cozinha. Hoje a gente vê a voz das mulheres, e isso para mim é fundamental, essa colaboração, essa participação das mulheres quando elas estão atuantes dentro do plano de gestão, porque lá está a voz delas. Lá estão as propostas delas, lá estão os acordos delas.

Então, são coisas que vão combinar conosco para fortalecimento desse desenvolvimento e atualização desse plano de gestão para essa ação, para ser executada dentro das comunidades. Quando elas falaram que têm um papel também fundamental, são coisas que se o homem não cumprir, elas vão estar alertando os homens para que isso seja cumprido. Então, para mim já é um esforço a mais. que elas tenham falado isso.

A gente viu a participação das mulheres, essas guerreiras, que a gente espera que elas não só falem, mas também ajudem a colocar em prática, porque a coisa melhor que tem nesse plano de gestão, é a execução dele, não é a fala, é a prática.

Outra coisa que eu vi dentro desse trabalho de atualização, foi a participação dos alunos. Os alunos, num primeiro momento, puderam desenhar o mapa da sua aldeia, identificar as árvores, identificar os peixes, identificar o rio, identificar o espaço onde cada comunidade está, a comunidade onde vive. Então, agora a gente teve essa participação dos alunos, teve a contribuição deles.

Quando a gente falou sobre a consulta, foi proposto pelo vice-presidente da associação, ele falou sobre a importância da consulta, de buscar apoio para fazer nosso protocolo de consulta. Então essa consulta também deve estar no nosso plano de gestão, porque tudo tem que ter acordo, tudo tem que ter uma regra, tudo tem que ter um limite. Então é fundamental discutir sobre a consulta. A consulta é um tema muito importante, para entender como devem chegar as políticas e os projetos, dentro da Terra Indígena.

Tendo esse plano em mãos, com as mulheres contribuindo, as mulheres ajudando a colocar em prática, as coisas vão acontecer de forma correta, porque a participação das mulheres e dos alunos é muito fundamental nesse momento. Mais uma vez a gente venceu essa luta, uma luta de todos, decisão de todos, planejamento de todos.



As mudanças climáticas, uma ameaça significativa para os povos indígenas

José Batista Siqueira, presidente da AJARB

O outro assunto que entrou na atualização do Plano de Gestão, um tema muito importante para nós também, como reforço para nós, foi a preocupação com as mudanças do clima, com a crise climática que estamos vivendo.

A gente discutiu o que se deve fazer para diminuir essa crise climática dentro da Terra Indígena. Qual é a responsabilidade de cada família, qual é a responsabilidade das lideranças? O que a gente tem que fazer, o que a gente tem que pensar para diminuir os impactos das mudanças climáticas dentro da Terra Indígena? Se a gente não se preocupar com essa situação, vai afetar nosso povo muito mais.

Hoje estamos sendo afetados, não só uma comunidade, mas todas as comunidades. Essa crise já chegou abrangendo tudo, desde a caça, pesca, as frutas, o rio. Então a gente já vê essa mudança, desabamento das beiras do rio, furos da beira do rio. Então a gente vê que o clima está todo mudado. Então, para nós, isso foi um tema muito importante, por que está nós afetando, está nós prejudicando. Nós que moramos aqui nessa região, temos que nos preocupar.



Nossa preocupação com as mudanças climáticas

Rosilene Antônia Arara, coordenadora das mulheres da aldeia Bom Futuro

O que achei mais importante, junto com o meu povo, é falar sobre as mudanças climáticas, que não sabia que estava acontecendo no mundo todo. Agora eu sei que a importância é nos cuidarmos mesmo. Fazer as plantações, cuidar para que os rios não sequem, cuidar do lixo também, não jogar no rio nem na terra, para não poluir. O que eu estou sentindo com essa mudança climática é que o tempo está muito quente, as plantas que a gente planta não nasce bem, a maioria das plantas morrem. As plantas estão sofrendo e o rio está secando. Não está chovendo no tempo certo e tudo fica muito seco no período da estiagem.

Por isso é importante discutir esses assuntos no plano de gestão e devemos cumprir com os acordos, porque todos estamos preocupados.

Construindo conhecimento para nossa escola e comunidade

Socorro Arara,
professora da escola da aldeia
Bom Futuro

Trabalhei durante a oficina fazendo leitura do plano de gestão territorial e ambiental, item por item, dando minhas sugestões, fazendo perguntas se todos estavam de acordo com a opinião dos outros. À noite, junto com o assessor da CPI-Acre, passava todos os acordos para os cartazes, e no final fizemos a leitura de todos os acordos para finalizar nosso plano.

A importância de fazer esse trabalho, me fez sentir participativa numa oficina pela primeira vez, poder compartilhar os meus conhecimentos, me senti muito realizada por estar junto fazendo esse trabalho, compartilhando conhecimento uns com os outros.

Com relação ao trabalho com os mapas, foi um momento muito importante para os jovens, porque por meio do mapa de pesca, por exemplo, conheceram os detalhes do nosso território, como a localização dos igarapés e locais mais fundos onde tem peixe, além das mudanças dos cursos dos igarapés ao longo dos anos. São vários assuntos que devemos trabalhar com os alunos na escola usando nosso plano como livro didático.

A participação das comunidades da Reserva Extrativista Alto Juruá e dos alunos

José Francisco Siqueira Arara
Liderança geral

Foi muito importante a participação dos representantes das comunidades Seringueirinha, Braço Esquerdo conhecida por Terra da Borracha e Cassiri, porque eles são os moradores da Reserva Extrativista que estão no entorno da nossa terra. Foi bom que eles participaram, porque conheceram o nosso plano. Eles contribuíram com algumas ideias também.

A gente pode conhecer o plano deles, entender como que funciona a Reserva Extrativista. Como que eles fizeram o seu plano, como que eles cumprem os acordos. Podemos contribuir com os acordos deles, quando eles forem rever, com certeza vamos poder acompanhar da mesma forma e contribuir com algumas propostas. Foi fundamental ouvir as lideranças e não-lideranças que participaram junto com a gente nesse dia para que contribuísse com alguma coisa que talvez a gente esqueceu em certo momento e lembramos junto com eles. Contribuíram com ideias e alguns textos que foram escritos no nosso plano de gestão, eles foram fundamentais. Além de serem nossos vizinhos, participaram e fizemos alguns acordos. Como são nossos vizinhos, foi falado que também têm que ter cuidado com nosso território, porque é o limite da Terra Indígena com a Reserva Extrativista.



Nossos acordos no Plano de Gestão Territorial e Ambiental

I. CULTURA



1. Língua Shawãdawa (Ãda Shawã)

A cultura se mantém viva na música e nas palavras utilizadas no cotidiano das famílias graças às atividades culturais realizadas nas aldeias. Devemos incentivar os nossos jovens para que continuem fortalecendo as danças e as músicas.

Para fortalecer a língua Shawãdawa, iremos criar um espaço onde funcionará o “Centro de estudo para revitalização da língua”, para a sua construção vamos buscar apoio. Esse centro será um lugar onde as pessoas só vão poder falar na língua indígena. Também devemos formar um professor bilingue para ensinar nas escolas e realizar oficinas para produção de material didático na língua Shawãdawa.

2. Alimentação e cultura tradicional

Vamos fortalecer nossa alimentação tradicional no dia a dia das famílias e, principalmente durante as festas, será preparada a nossa alimentação tradicional. Evitar comprar alimentos industrializados, fazem mal à saúde.

3. Centro cultural

O centro que desejamos já existe na aldeia Bom Futuro, mas precisa ser fortalecido. Além de consolidar esse centro é preciso criar um centro em todas as comunidades com mais estrutura para fazer o txibu e o rapé.

4. Festas culturais

Vamos nos organizar para estarmos sempre realizando nossas festas culturais em todas as comunidades, fortalecendo as que já existem.



5. Artesanato

Queremos apoio para fortalecer e resgatar alguns artesanatos próprios de nossa cultura, criando momentos de troca de saberes entre as pessoas mais velhas e jovens. Estamos realizando intercâmbios com os parentes das TIs Ashaninka do Rio Amônia, e Kaxinawá-Ashaninka do Rio Breu, e queremos também realizar intercâmbios na TI. Arara do Igarapé Humaitá e Kuntanawa. Também gostaríamos de realizar intercâmbio, com outras Terras Indígenas do Acre, do Brasil e do mundo. Queremos construir um espaço em cada aldeia onde serão feitas e guardadas as artes do povo Shawãdawa.



6. Medicina Tradicional

Estamos fortalecendo o uso da nossa medicina tradicional. Os pajés estão fazendo a formação dos que querem se tornar pajés. Também estamos criando espaços de plantio das medicinas tradicionais nas aldeias. Para isso também queremos fazer intercâmbio com parentes de outras TIs, como a TI Arara do Igarapé Humaitá, Kaxinawá Ashaninka do Rio Breu, etc. Também precisamos de apoio com materiais a serem usados na fabricação dos medicamentos tradicionais e para estrutura adequada no armazenamento dos remédios.

7. Conhecimento dos antigos

Vamos buscar apoio para que os mais velhos sábios recebam pagamento por serem mestres e passem seus conhecimentos para os alunos. Vamos continuar realizando pesquisas com os velhos sobre a nossa cultura, para isso queremos apoio para obter material como máquina, gravador, filmadora, para a produção de vídeos, documentários e para realizar o registro das pesquisas.

8. Pintura corporal

Estamos fortalecendo mais nossa pintura corporal, fazendo pesquisas e utilizando a pintura. Já estamos plantando mais urucum, jenipapo e algodão próximos às aldeias. Também vamos buscar parcerias e projetos para apoiar esse trabalho.



9. Ponto de cultura

São considerados Pontos de Cultura todos os espaços existentes, onde se praticam atividades culturais como a Maloca, kupixawa e a Escola Padrão.

10. Finais de semana

Definimos que os dias de sábado e domingo são reservados para que façamos nossos jogos de futebol e descanso na comunidade. Por isso, as reuniões e atividades de pessoas que vêm de fora devem considerar esses dias, principalmente o domingo. No entanto, a equipe de saúde está liberada, e deve atender às pessoas que possam estar doentes ou que precisem de atendimento. Algumas atividades de equipes de parceiros como a CPI-Acre, Organização dos Povos Indígenas do Rio Juruá (OPIRJ), entre outras, também serão liberadas, caso necessário.



II. RECURSOS NATURAIS



1. Madeira de lei

Estamos preservando a madeira de lei há muitos anos, plantamos nos arredores das aldeias aguano, cedro, cumaru. O uso da madeira para a construção de casas e barcos é permitido para os moradores da Terra Indígena. Quem é de fora não pode retirar madeira de nossa terra. Mas vamos evitar o uso do mogno, cedro e cumaru, principalmente os que estiverem a menos de 2 horas das aldeias, procurando usar as madeiras mais abundantes como copaiba, amarelinho, entre outras.

Se a madeira estiver ocada não é para retirar, pois ela ainda pode dar frutos e servir para reproduzir. Vamos aproveitar as madeiras caídas. Quando for preciso utilizar uma madeira, vamos fazer o plantio de 10 mudas.

O uso da madeira é permitido para construir a sede da associação da Terra Indígena e uma casa por aldeia na cidade que vai servir para as famílias que vivem na Terra Indígena, e sirva para uso coletivo. Para retirar essa madeira e levar para a cidade é necessária a autorização dos caciques.

2. Palha para cobertura

Para cobertura de casas, a colheita das palhas será feita com o auxílio de um pé de bode (ou escada) para subir e retirar as palhas. Vamos evitar derrubar as palheiras. Aquelas que estiverem muito altas serão deixadas para produzir frutos e atrair os animais, e as sementes, para aumentar o número de pés. As palheiras que mais utilizamos para cobertura é o ouricuri, cocão e jarina. Queremos fazer intercâmbio de outras espécies como a canaraí com os Puyanawa e outros povos indígenas que utilizam essas palheiras. Estamos fazendo mudas e plantando na Terra Indígena para usar na cobertura das nossas construções.

Os parentes têm que ter consciência para cumprir nossos acordos.



3. Frutas nativas

Devemos evitar a derrubada dos pés das árvores para colher os frutos. Para realizar a coleta temos que subir na árvore, caso não seja possível, vamos plantar 10 pés da fruta da árvore que foi derrubada. Os moradores já estão plantando próximo das aldeias as palmeiras de patoá, pupunha, buriti e açai. Além da biorana, sapota, pama, entre outras espécies.

4. Açai para construção

Quando necessário será permitido a derrubada de açai velho para a construção de casas, serve para fazer travejamento e caibro/caibo.

5. Paxiubão/Paxiubinha

Será permitida a derrubada para fazer o travejamento e assoalho das casas de acordo com a necessidade. Estamos fazendo o plantio e respeitando os pés nativos de paxiúba.



6. Plantas medicinais

Devemos organizar um local próximo de cada aldeia para plantar as medicinas da floresta. Os agentes agroflorestais indígenas (AAFI), pajés, os velhos, a parteira, Agente Comunitário Indígena de Saúde (ACIS) e Agente Indígena de Saneamento Ambiental (AISAN) estão à frente desses trabalhos, envolvendo os professores e alunos nessas atividades. Devem estimular os alunos a pesquisarem sobre a medicina tradicional, respeitando as formas de uso das plantas, e as plantas que mulheres e crianças não podem mexer. Por isso estamos construindo o Centro Espiritual da Comunidade, que ficará entre a aldeia Bom Futuro e Siqueira. Também pode ser construído nas outras aldeias que tenham interesse.

7. Artesanato

Estamos realizando nosso artesanato tradicional com as sementes do cocão, demais palheiras e outras sementes florestais. Para isso, estamos plantando as espécies que utilizamos, mais próximo das aldeias. Precisamos buscar apoio para aquisição de materiais e realizar intercâmbio com outras Terras Indígenas, principalmente com as mulheres tecelãs.



MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS

III. PESCA

1. Uso da manga

O uso da manga é permitido, mas no inverno, nos meses de outubro, novembro e dezembro, devemos evitar o seu uso no rio, devido ao período de desova dos peixes.

2. Flecha, zagaia, anzol, tarrafa e técnica de faxiar com terçado

São considerados os principais instrumentos de pesca no verão. No período da chuva, devemos pescar usando o anzol.

3. Oaca

A oaca faz parte da pesca tradicional de nossa cultura, mas, há algum tempo deixamos de usar para ajudar no aumento da população de peixes. Mas não será permitido o plantio nem a prática da pesca com a oaca.

4. Áreas de conservação

Estamos deixando os igarapés Rio de Janeiro, Boa Água, Igarapé Preto, Marica, Barro Branco e Bahia. Da boca do Rio de Janeiro para cima ficará para a preservação, nessa área tem muitos poços, e nós andamos muito pouco por lá.



5. Comercialização

É proibida a comercialização de peixe para fora da Terra Indígena. Entre as famílias e para a merenda escolar a comercialização é permitida.

6. Açudes e espécies de peixes escassos nos rios e igarapés da Terra Indígena

Por iniciativa própria, construímos três pequenos açudes nas aldeias Bom Futuro, Siqueira e Buritizal, onde já estamos introduzindo peixes nativos. No entanto, ainda precisamos construir açudes nas aldeias Nova Esperança e São Sebastião. Também necessitamos de telas e materiais de barramento para o manejo de quelônios nesses açudes, além da formação de Agentes Agroflorestais Indígenas e de assessoria técnica para a criação desses animais.

Vamos esperar o tempo adequado para iniciar a pesca nos açudes e, depois disso, pretendemos reduzir a pesca nos rios, lagos e igarapés, principalmente das espécies que estão escassas na Terra Indígena. Assim, buscamos garantir o sustento das aldeias de forma sustentável.



MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS

IV. CAÇA

1. Filhotes

Vamos evitar caçar os filhotes ou animais que estejam com filhote.

2. Comércio

A comercialização da carne de caça não é permitida fora da Terra Indígena. A venda só pode ocorrer entre os próprios moradores da comunidade. Os parentes que comercializam a carne devem ter consciência e responsabilidade ao definir o preço, evitando valores muito altos. É importante lembrar que muitas famílias dependem dessa carne para a alimentação diária e muitas vezes não têm condições financeiras de pagar caro.

3. Transporte

É permitido o transporte de caça para servir de rancho quando as famílias estiverem em viagem para a cidade, no máximo 15 kg ou 03 jabutis, somente para o consumo.

4. Cachorro

Não é permitido caçar com cachorro longe das aldeias, apenas para fazer proteção dos roçados, dos animais de criação e das caças que visitam o roçado.

5. Área de refúgio

Temos uma área de refúgio que se estende desde a boca do igarapé Rio de Janeiro para cima e da boca do igarapé Barro Branco para cima. Esta área serve como uma zona de conservação das espécies. Vamos realizar a caça e a pesca conforme as necessidades das famílias, para fornecer alimentos para os encontros culturais e para garantir a vigilância eficaz da Terra Indígena.

6. Jacaré

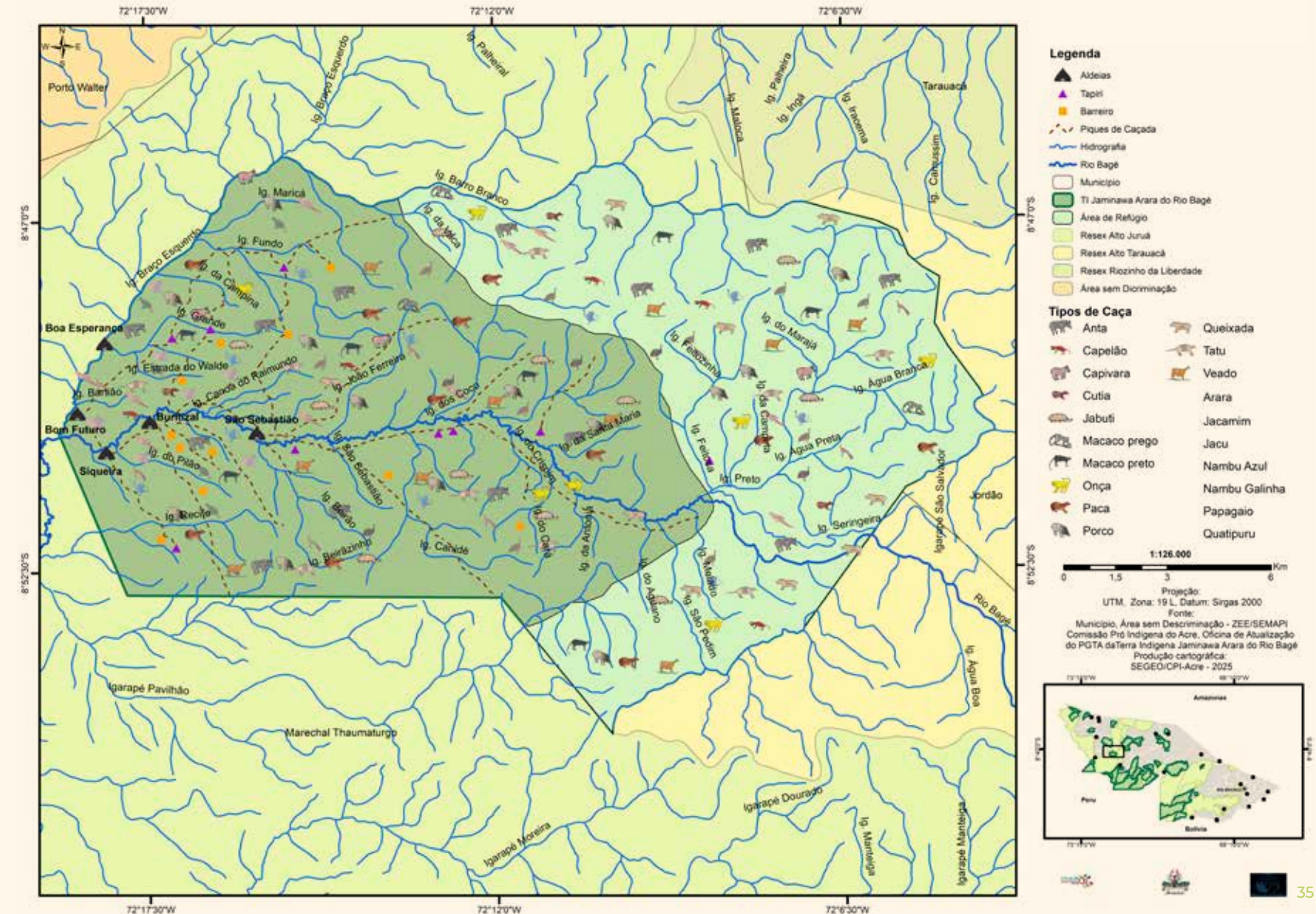
Está permitida a caça de jacarés grandes. A caça de jacarés pequenos está proibida, para garantir a reprodução e a preservação da espécie. No prazo de três anos, a comunidade fará uma avaliação para verificar se a quantidade de jacarés permanece suficiente ou se serão necessárias novas medidas de proteção.

7. Bichos de pena

A caça de bichos de pena é pouca, mas quando ocorre, a carne é consumida, as penas são usadas para artesanato e remédio. A criação desses animais é proibida, exceto o jacamim, que é o vigia da aldeia.



Mapa de Caça da Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé





1. Roçados

Devemos observar a área para fazer o roçado, evitar as áreas que tenham muita madeira de lei, palmeiras, medicina tradicional e cipó. Devemos usar a capoeira de 2 em 2 anos, até que o solo esteja sendo bom para os nossos plantios. Somente quando o solo ficar muito cansado, podemos brocar na mata bruta se não tiver nenhuma outra capoeira próxima. É importante o uso das capoeiras em vez da mata virgem. Os acordos devem ser cumpridos e antes de fazer os roçados, devemos consultar os agentes agroflorestais e as pessoas com experiência para nos orientar.

Costumamos trabalhar em mutirão, convidamos todas as aldeias para participar, quando todos participam fazemos a broca em um dia.

2. Mata Ciliar/Mata da beira do rio

Não devemos fazer roçados em áreas de mata ciliar nem desmatar próximo às fontes d'água para garantir a preservação desses recursos. Se um parente optar por fazer seu roçado à beira do rio, é fundamental que também se comprometa com a limpeza dos rios, não deixar galhos e troncos, porque os rios são os principais meios de acesso às aldeias.



3. Sementes tradicionais

Devemos conservar nossas sementes tradicionais. Já fizemos um intercâmbio com os Kaxinawá do rio Breu, trouxemos para nossas aldeias, sementes de cajá, milho massa, carnaubinha, dalhe-dalhe, cipó diferente, e outras espécies. Queremos continuar a fazer intercâmbios de sementes entre as aldeias, com as comunidades da Reserva Extrativista Alto Juruá e com outras Terras Indígenas.

Temos que ficar atentos com as sementes que chegam na Terra Indígena, não queremos plantar sementes que não sejam naturais, não queremos sementes produzidas em laboratórios (transgênicas e híbridas). Vamos fortalecer a riqueza dos nossos roçados.



4. Plantio de frutíferas, sítio ou Sistemas Agroflorestais - SAFs

O trabalho do agente agroflorestal deve ser fortalecido, ele precisa receber formação para melhorar seu trabalho junto à comunidade e aos alunos. As famílias também devem procurar aumentar seus plantios, que vão servir para segurança alimentar, merenda escolar e para atrair os animais.

Queremos ampliar os Sistemas Agroflorestais com espécies ainda não presentes em nossa Terra Indígena. Para isso, vamos buscar alternativas em outras Terras Indígenas, em diferentes regiões, na Comissão Pró-Índigenas do Acre e outras instituições parceiras, como a Yorenka Tasorentsi. Além disso, devemos entrar em contato com a Secretaria de Agricultura do município de Marechal Thaumaturgo para obter apoio na ampliação dos viveiros em todas as aldeias.



5. Horta

Já fazemos nossos jiraus para plantio de algumas verduras, e temos interesse em receber apoio e informações sobre as formas de plantio de sementes como: couve, cebola, pimenta, pepino, tomate, maxixe, alface, cenoura, beterraba e coentro.

Precisamos de orientação para o manejo adequado da horta e para encontrar alternativas boas para controlar as formigas de roça e de outras pragas, sem usar defensivos químicos e venenos industrializados conhecido por agrotóxicos.

6. Sementes florestais

Devemos coletar e plantar as espécies da floresta, próximas às aldeias, nos roçados e nos sistemas agroflorestais, e também as espécies frutíferas, palheiras e madeiras de lei, de nosso interesse. Essas espécies vão contribuir para o uso na construção de nossas casas e canoas, para a alimentação das famílias e para trazer as caças para perto das aldeias.



PRODUÇÃO AGROFLORESTAL

VI. CRIAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES

1. Quelônios - Tracajá e jabuti

Temos interesse em iniciar uma criação de quelônios.

O tracajá está muito escasso em nossa terra, queremos criá-lo para aumentar a população, fazer repovoamento e usar como alternativa para a alimentação das famílias. Devemos buscar apoio e fazer intercâmbio com os Ashaninka do Rio Amônia, que já concordaram em doar 40 filhotes para cada aldeia de nossa TI. Devemos cercar os açudes existentes e construir onde falta.

Precisamos solicitar o apoio das instituições municipais e estaduais para a construção de açudes nas aldeias Buritizal e São Sebastião.

2. Abelhas nativas (meliponicultura)

Temos interesse em desenvolver atividades com abelhas, mas precisamos de formação e materiais adequados para formar pessoas nas comunidades. Queremos focar na criação de abelhas nativas, que são mais adequadas e se adaptam melhor ao nosso ambiente. Já temos um indígena com experiência na criação de abelhas nativas.

3. Formação

É importante a formação dos agentes agroflorestais para repassarem o conhecimento técnico à comunidade, para a criação desses animais. Os agentes agroflorestais devem estar articulados com a Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAIAC), que deve possibilitar a entrada dos agentes Shawãdawa nas atividades de formação e intercâmbios que estão acontecendo. A troca de mudas dentro da TI já ocorre e será reforçada.



VII. CRIAÇÃO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS

1. Gado

Cada aldeia pode criar até 35 cabeças. Atualmente, apenas a aldeia Siqueira possui rebanho. Nela, foi organizada um local adequado para que o gado não prejudique outras famílias, suas plantações e o bem-estar coletivo. As demais aldeias interessadas em iniciar a criação devem estar cientes de criar dessa forma. É necessário buscar assistência técnica e garantir os cuidados com os animais.

Devemos usar áreas de pastos coletivos para evitar novos desmatamentos. Buscar informação e formação técnica sobre como criar o gado de forma sustentável sem necessidade de desmatar novas áreas.

2. Porco

Quem quiser criar porco deve buscar um local afastado da aldeia e organizar para que ele não contamine as cacimbas, e não leve doenças para a comunidade.

3. Aves

A galinha e o pato são animais que já criamos e queremos aumentar nossas criações, por ser uma boa alternativa para a segurança alimentar. No futuro podemos criar ganso, peru e capote e para essas criações precisamos de apoio.

Precisamos de assessoria técnica para orientar a criação de galinhas com foco especial nas doenças.

Sugerimos organizar um intercâmbio com um morador da comunidade Seringueirinha, localizada na Reserva Extrativista Alto Juruá, que possui 25 anos de experiência com a criação de galinhas.

4. Ovelhas e carneiros

Temos interesse em iniciar a criação de ovelhas e carneiros, organizando um local adequado para que os animais não prejudiquem as outras famílias, suas plantações e bem-estar. Vamos buscar apoio para isso.



SERVIÇOS BÁSICOS

VIII. SAÚDE AMBIENTAL

1. Lixo

Fizemos a formação com técnicos da prefeitura e aprendemos a separar o lixo orgânico (folhas, casca), inorgânico (lata, plástico) e lixo eletrônico (bateria, pilha, celular).

Discutimos onde devemos colocar cada tipo de lixo, ou seja, fazer o descarte correto dos materiais. Estamos separando as baterias, pilhas e celulares para levar para a cidade. Sob a responsabilidade do Agente Indígena de Saneamento (AISAN), as famílias separam esse material e entregam para o AISAN, e eles devem fazer reuniões com a comunidade para orientar os cuidados com esse tipo de lixo.

Papel, plástico, lata e vidro levamos para um local para ser queimado e enterrado, cada família separa seu lixo e o AISAN recolhe para dar o seu destino.

O lixo orgânico é separado pelas mulheres, uma parte é usado para servir de alimento para os animais de criação, outra é colocada num local correto para fazer adubo.

O lixo hospitalar é zelado pela equipe de saúde. Nossos AISANs estão precisando de formação continuada e material adequado para coleta de lixo, como carrinho de mão, pá, bota, saco, luvas, roçadeira, ciscador, etc.

O AISAN também trabalha na escola com as crianças

orientando sobre a saúde e os cuidados com o lixo, no calendário escolar.

Os Agentes Indígenas de Saneamento devem fazer o trabalho coletivo com os Agentes Comunitários Indígenas de Saúde (ACIS), professores, alunos e todos da comunidade.

As empresas que prestam serviços dentro da Terra Indígena e na Reserva Extrativista são responsáveis pelo manejo adequado dos lixos. Não devem descartar lixo nos rios, nos caminhos ou em qualquer outra área sensível. É fundamental que respeitem as normas ambientais e culturais estabelecidas para preservar nosso território e seus recursos naturais.



2. Água para consumo

Três aldeias possuem poço amazonas (cacimbão) de onde é retirada a água para consumo, entretanto já solicitamos à Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) que sejam construídos de forma correta e com qualidade em todas as aldeias. Precisamos da construção de poços semi artesianos. Queremos que a SESAI atenda nossas demandas.

Quando necessário utilizamos água do rio (Aldeia Bom Futuro e Boa Esperança) e da cacimba em todas as aldeias. No inverno todas as aldeias fazem captação de água da chuva, para beber e cozinhar, mas fazemos de forma improvisada, sem uma estrutura básica. A água consumida é tratada com cloro, distribuído sob orientação do AISAN.



SERVIÇOS BÁSICOS



3. Privadas

A SESAI construiu privadas nas escolas das aldeias São Sebastião, Siqueira e Buritizal. Precisamos apoio para a manutenção dessas privadas e para a construção de privadas nas escolas das aldeias Bom Futuro e Boa esperança.

Além disso, cada família deve ficar responsável por fazer sua privada, escolhendo um local adequado longe das fontes de água, e orientando principalmente as crianças para que mantenham as privadas limpas.

4. Cacimba

Toda aldeia tem pelo menos uma cacimba, como mais uma possibilidade para fornecer água. Porém em alguns lugares a cacimba seca no verão, por isso é importante termos o poço. Devemos cercar a cacimba para evitar a entrada de animais, fazer cobertura de telha de zinco para evitar sujar a água e fazer baragem nas paredes para não cair terra. Devemos buscar apoio da SESAI e prefeitura para realizar essas melhorias.

5. Captação de água da chuva

As famílias que têm vaso suficiente fazem captação de água da chuva, mas queremos apoio para implantar um sistema de captação de água da chuva que atenda a todas as famílias.

6. Rios

Cuidamos da preservação dos rios e das suas matas. Não é permitido jogar nenhum tipo de lixo nos rios e igarapés. Nem animais mortos. Vamos conscientizar nossos parentes e nossos vizinhos da RESEX Alto Juruá sobre os cuidados com os rios.

7. Cuidados para evitar doenças

As orientações para a comunidade e nas escolas ficam sob a responsabilidade do professor, agente comunitário indígena de saúde (ACIS), agente indígena de saneamento (AISAN) e agente agroflorestal indígena (AAFI), que devem trabalhar em parceria com os caciques, pajés, parteiras e alunos. O AISAN, ACIS e AAFI devem receber formação para cuidar da saúde do ambiente. Os ACIS e AISAN fazem visitas a todas as casas orientando as famílias sobre os cuidados com a saúde.

8. Posto de Saúde

Queremos que seja construído pela SESAI um posto de saúde para realizar os atendimentos médicos de todas as comunidades da Terra Indígena e também um ponto de atendimento em todas as aldeias.

O avanço significativo é o novo ponto de vacinação: anteriormente as vacinas eram transportadas em isopor com gelo. Agora, a aldeia Siqueira conta com um espaço refrigerado, que permite a conservação adequada das vacinas destinadas à Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé. Esse local atende a todas as cinco aldeias, garantindo que a vacinação chegue a toda a população.

9. Plano Distrital de Saúde Indígena

Vamos articular com o Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Juruá – DSEI, as prioridades do atendimento da saúde na nossa Terra Indígena conforme o Plano Distrital de Saúde Indígena elaborado a cada quatro anos. Queremos que nossa Terra Indígena seja atendida para evitar as doenças que estão afetando o nosso povo.

SERVIÇOS BÁSICOS

IX. EDUCAÇÃO INDÍGENA DIFERENCIADA DO POVO SHAWĀDAWA

1. Educação diferenciada

A educação escolar Shawādawa é diferenciada. Temos nosso próprio calendário e deve ser compreendido e respeitado pelos órgãos de ensino. O professor deve ser indígena, para as turmas da 1ª à 5ª série do ensino fundamental. Para as turmas do 6º ao 9º ano, caso não haja professores indígenas preparados, será possível recorrer ao professor de fora da Terra Indígena. As atividades funcionam quatro dias na escola e um dia de prática, acompanhando as atividades práticas, em trabalhos coletivos, bem como para segurança alimentar e cultural, junto aos pais, os velhos, pajés,

AAFI, artesãs, tecelãs, AIS, AISAN, entre outros conhecedores Shawādawa, fortalecendo a educação indígena, que é diferente da educação escolar dos “brancos”, os dois conhecimentos se complementam.

2. Formação de professores

Queremos continuar a receber formação inicial, continuada, diferenciada e de qualidade para os nossos professores. O calendário escolar indígena precisa ser respeitado e precisamos de apoio da secretaria municipal de educação para a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP).

3. Concurso público diferenciado pelo estado e prefeitura

Queremos a contratação permanente de nossos professores indígenas, por meio de concurso público diferenciado.

4. Acompanhamento político-pedagógico

Os professores devem ter acompanhamento do técnico de educação indígena, bimestralmente. Hoje acontece pelo município, mas a escola da aldeia São Sebastião é do estado e não recebe acompanhamento com regularidade. As lideranças da Terra Indígena devem propor e insistir para que a prefeitura faça atendimento para a Escola Estadual.

5. Língua Shawādawa

Buscar apoio para revitalizar a língua indígena e para o fortalecimento da educação na língua materna. Realizar oficinas para o estudo da língua e elaboração de materiais didáticos.

As secretarias de educação estadual e municipal devem enviar materiais didáticos adequados no início das aulas. Nos últimos dois anos estão chegando com vários meses de atraso e sem a responsabilidade pelas despesas do transporte desses materiais.



6. Pesquisa indígena

Devemos incentivar e desenvolver mais pesquisas indígenas, envolvendo as pessoas mais velhas como fonte de conhecimento. Devemos trazê-los para a sala de aula para transmitir e revitalizar a língua Shawādawa (Ãda Shawã). Para isso precisamos de apoio de materiais didáticos e audiovisuais como gravadores, câmeras fotográficas, computador, etc.

7. Continuidade da educação dos alunos

Precisamos da formação dos professores das escolas do Povo Jaminawa Arara para dar continuidade aos estudos dos alunos na Terra Indígena, do 5º ao 9º ano e também do ensino médio para formar no futuro os próprios professores indígenas.

8. Escolas

Hoje todas as aldeias têm escola, mas elas precisam que a secretaria de educação faça a manutenção com os materiais necessários para que seja uma construção regional.

A “Escola Padrão” está funcionando na aldeia Siqueira e está sendo construída uma estrutura com várias salas de aula, refeitório, recursos materiais e humanos ampliados. Está sendo discutido pela comunidade a seguinte possibilidade de funcionamento: os alunos de 1º ao 3º ano devem ser atendidos pelas escolas nas aldeias e a Escola Padrão de 4º ao 9º ano.



9. Merenda escolar

Queremos dar continuidade à merenda regionalizada em todas as aldeias, e entender melhor o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), para que as escolas possam servir aos alunos uma alimentação saudável com a produção das aldeias. Sabemos que a prefeitura e o estado podem comprar os alimentos diretamente do produtor sem necessidade de ter uma cooperativa.

10. Atividades culturais

As atividades educacionais e culturais da escola devem envolver os professores, agentes agroflorestais indígenas, agentes comunitários indígenas de saúde, agentes indígenas de Saneamento, velhos e pajés e devem ser feitas de forma conjunta.

11. Parceria com a Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC)

Os professores Shawādawa devem buscar apoio da OPIAC para elaboração de materiais didáticos, realização de oficinas sobre educação escolar indígena, articulação dos professores. E a OPIAC deve incluir os professores de nossa Terra Indígena nas reuniões e atividades da organização.

X. COMUNICAÇÃO, TRANSPORTES E POUSADA

1. Internet

Foram instalados os equipamentos para acesso à internet nas aldeias Bom Futuro, Buritizal e São Sebastião, facilitando a comunicação entre as aldeias e com as instituições parceiras e do governo. Vamos buscar mais parcerias para instalar nas aldeias que ainda não têm esses equipamentos, Boa Esperança e Siqueira. Sua utilização deve ser coletiva e controlada, com acesso a conteúdos culturais, educativos e evitando conteúdos que prejudicam a educação da juventude e de todos das comunidades. É necessário conversar e conscientizar sobre o uso da internet.

Vamos buscar parcerias para adquirir rádios portáteis para utilizar em momentos necessários, pois facilita a comunicação interna em cada aldeia ou nas atividades de monitoramento.

2. Transportes

O acesso à TI pelo Rio Bagé muitas vezes é difícil, devido às condições de navegabilidade. Precisamos escoar nossos produtos, por isso é necessário buscar parcerias, e elaborar projetos para adquirir botes de alumínio para cada aldeia.

3. Pousada

Vamos selecionar uma área na aldeia Bom Futuro e construir uma pousada tradicional para receber os visitantes de fora para conhecer ou trabalhar na Terra Indígena.



PROTEÇÃO DO TERRITÓRIO

XI. VIGILÂNCIA E MONITORAMENTO

1. Vigilância

Buscamos fazer expedições de vigilância e articular com as instituições responsáveis a fiscalização uma vez ao ano, consideramos importante que haja expedição no inverno e no verão.

É importante o apoio e o diálogo com instituições como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio) e da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), para quando acontecer algum problema. No momento as relações com as comunidades do entorno é de parceria.

Queremos também que continue a formação para nossos agentes agroflorestais, agentes ambientais e outras pessoas que participam da vigilância, tanto sobre a legislação ambiental como sobre os procedimentos de vigilância e monitoramento, proteção territorial e uso das geotecnologias.

A responsabilidade por articular e realizar as atividades de vigilância é dos agentes agroflorestais junto com as lideranças.

2. Biopirataria e conhecimentos tradicionais

Devemos ficar atentos com o roubo de espécies de ani-

mais e plantas da nossa Terra Indígena (biopirataria) e do conhecimento tradicional do povo Jaminawa Arara. Essas espécies e conhecimentos não podem ser vendidos, tanto por parte de pessoas de fora, como de nossos parentes. Não é permitido a venda das espécies da floresta, nem de nossos conhecimentos.

3. Entrada de pessoas desconhecidas

É necessário o conhecimento e a autorização das lideranças de todas as aldeias, da Associação Jaminawa Arara do Rio Bagé (AJARB) e da FUNAI, quando tiver a chegada de pessoas desconhecidas. É necessário saber o objetivo da vinda dessas pessoas para a Terra Indígena.

Quando uma empresa vier para a Terra Indígena precisa de autorização das lideranças e deverá informar o que vieram fazer e quantos dias irão ficar.

4. Entrada de pessoas de fora

As pessoas conhecidas por algum morador da TI, como por exemplo vizinho da RESEX Alto Juruá e amigos de Marechal Thaumaturgo, podem entrar na TI para visitar desde que tenham sido convidadas por algum morador. Caso queiram realizar alguma atividade, terão que reunir as comunidades e apresentar o objetivo da atividade para obter autorização.

5. Alcool

É proibida a venda e o consumo de bebida alcoólica dentro da TI. Apenas o matxu, nossa bebida tradicional, é permitida.

6. Cumprimento dos acordos do Plano de Gestão

Os agentes agroflorestais, as lideranças, tanto homens e mulheres e as famílias de todas as aldeias, são responsáveis por monitorar e orientar sobre o cumprimento dos acordos do Plano de Gestão e de sua implementação pelas comunidades.

7. Direitos indígenas, grandes obras de infraestrutura e serviços ambientais

Queremos formação política para nossas lideranças e representantes. Acompanhar as discussões dos grandes projetos de desenvolvimento econômico, de infraestrutura (construção de estradas e linhão) e Projetos de Lei, dos governos, federal, estadual e municipal. Esses projetos podem impactar direta ou indiretamente nossa Terra Indígena. Queremos receber formação sobre serviços ambientais e como as mudanças climáticas podem afetar nosso futuro.

Quando for acontecer seminários e encontros queremos ser informados e queremos participar.

Queremos formar uma comissão com as lideranças para acompanhar e participar da elaboração dos Projetos de Lei na câmara dos vereadores do município de Marechal Thaumaturgo.

8. Fiscalização da pesca na RESEX e em Marechal Thaumaturgo

Queremos o apoio do Exército, ICMBio e IBAMA para fiscalizar a pesca no período da desova e piracema na RESEX e nos municípios de Marechal Thaumaturgo e Cruzeiro do Sul.

A pesca na piracema afeta diretamente a população de peixes em nosso rio, já que estamos nas cabeceiras. No período da piracema não devemos utilizar as mangas na foz dos rios Tejo e Bagé para que os peixes subam até as cabeceiras para a desova e possam se reproduzir. Devemos denunciar a pesca na foz dos rios no período da piracema.

9. Reivindicação de limites

Queremos que a FUNAI reveja os limites de nossa terra que foi demarcada no trabalho de campo de forma incorreta, e que seja incluída toda a cabeceira do rio Bagé, conforme mapa de ocupação elaborado na II Oficina de Etnomapeamento.



PROTEÇÃO DO TERRITÓRIO

XII. RELAÇÃO COM O ENTORNO

1. Parceria com os moradores da Reserva Extrativista do Alto Juruá que vivem no Rio Bagé

Devemos fortalecer e ampliar a parceria com os moradores da RESEX, buscar apoio com o município e parceiros para melhorar o acesso pelo rio Bagé, para a limpeza dos rios (serragem e retirada das madeiras caídas etc.).

Fortalecer as parcerias com os vizinhos para o intercâmbio de experiências, para o uso sustentável de nossos recursos naturais, proteção dos nossos territórios e para ações de saúde. Continuar prestando atendimentos aos nossos vizinhos quando necessário.

Com o apoio das lideranças indígenas vamos implementar sistemas agroflorestais para garantir a segurança alimentar e ambiental das comunidades da Reserva Extrativista e apoiar a formação de um Agente Agroflorestal na RESEX.

Buscar fortalecer as parcerias de respeito, confiança e amizade com os moradores das comunidades da Reserva Extrativista.

As escolas Jaminawa Arara devem continuar recebendo os jovens das comunidades vizinhas da Reserva Extrativista (Seringueirinha e Braço Esquerdo/Terra da Borracha) para contribuir na continuidade dos seus estudos.

Fortalecer a parceria com a Associação de Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá (ASA-REARJ) para promover ações de conscientização dos moradores sobre a invasão de gado e porcos na Terra Indígena e para colocar em prática os acordos de pesca.

Vamos divulgar para os moradores da Reserva Extrativista o nosso Plano de Gestão e conhecer o Plano de Uso da RESEX.

2. Município de Marechal Thaumaturgo

Buscar as parcerias com o município, principalmente relacionadas à saúde, para melhorar o atendimento aos indígenas e para obter medicamentos suficientes para os ACIS levarem para a Terra Indígena. Com relação à educação, para termos nosso projeto político pedagógico. Além disso o município pode apoiar com projetos para fortalecer a segurança alimentar.



3. Articulação Transfronteiriça

Nossa Terra Indígena está situada na região de fronteira do Brasil com o Peru, juntamente com outras Terras Indígenas e a Reserva Extrativista Alto Juruá. A AJARB e suas lideranças devem se articular junto ao movimento indígena e os parceiros dos dois países que acompanham as políticas de fronteira, para obter informações sobre projetos de desenvolvimento econômico e infraestrutura, como construções de estradas e outras vias de conexão, além da exploração de madeira, petróleo, minério e gás natural, que podem impactar nossa região.

As lideranças e a AJARB devem participar das atividades que sejam de interesse, organizadas pela Comissão Transfronteiriça Juruá/Yurua-Alto Tamaya. A AJARB e lideranças devem organizar reuniões internas para divulgar essas informações com os vizinhos da Reserva Extrativista, as comunidades de Braço Esquerdo/Terra da Borracha e Cassiri.



PROTEÇÃO DO TERRITÓRIO

XIII. FORTALECIMENTO DA ASSOCIAÇÃO JAMINAWA ARARA DO RIO BAGÉ - AJARB

A AJARB representa a Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé, seu objetivo é defender os direitos do nosso povo e garantir o usufruto de nosso território, atendimento à saúde, educação e cultura, no diálogo com instituições públicas e parceiras.

A diretoria da AJARB deve se organizar para manter em dia todos os documentos e pagamentos das taxas para poder apresentar projetos próprios.

Deve participar de forma organizada de reuniões e atividades que sejam importantes para o povo Jaminawa Arara. Quando o presidente não puder participar de alguma reunião, deve indicar alguém da diretoria que possa representar a associação, assim todos têm a mesma oportunidade.

Quando a AJARB receber convites para participar das oficinas, cursos ou outros eventos, deve indicar alguém que tenha interesse e responsabilidade, abrindo espaço para todas as aldeias.



PROTEÇÃO DO TERRITÓRIO

XIV. COMO ENFRENTAR AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Nós, povos indígenas, cada vez mais estamos percebendo as mudanças relacionadas ao clima na região e dentro do nosso território, muita seca e muita chuva. Essas mudanças estão afetando a produção dos nossos roçados e plantios, os rios estão cada vez mais secos e a saúde de nosso povo piorando.

Muitos dos nossos acordos no plano de gestão irão contribuir para enfrentar as mudanças climáticas. Devemos evitar o desmatamento e as queimadas; não devemos jogar lixo nos rios, igarapés, nascentes de água e nos caminhos.

Devemos evitar brocar nossos roçados nas margens dos rios, igarapés e nascentes, devemos plantar mais árvores, fortalecer os sistemas agroflorestais e apoiar o trabalho do agente agroflorestal. Devemos fazer a troca de variedades de sementes tradicionais para fortalecer nossa alimentação.

Construir moradias em locais que não alagam e onde possa ter acesso à água para consumo das famílias.



PROTEÇÃO DO TERRITÓRIO

XV. CONTRIBUIÇÃO DA MULHER JAMINAWA ARARA NA GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA TERRA INDÍGENA

Nossa principal contribuição foi a participação ativa na atualização do plano de gestão, dando opiniões e decidindo junto com os homens, em todos os acordos.

Contribuímos com a segurança alimentar do povo, com a participação e a organização para manutenção e ampliação dos nossos plantios, dos sistemas agroflorestais, apoiando o agente agroflorestal. Fazemos intercâmbio de sementes para ampliar as variedades de espécies de frutas e batatas. Participamos da construção e cuidado dos viveiros e na criação de galinhas.

Queremos contribuir na articulação ombro a ombro, internamente, e lá fora com outros parentes e organizações parceiras. Queremos participar de encontros, reuniões, oficinas de formação e outros eventos.

Vamos acompanhar a implementação do plano de gestão junto com os homens/mulheres e cobrar que os acordos sejam cumpridos.

Continuaremos com a iniciativa de organizar reuniões para discutir nossos trabalhos, queremos participar da AJARB não apenas como suplentes, mas como titulares, contribuindo com o seu fortalecimento.

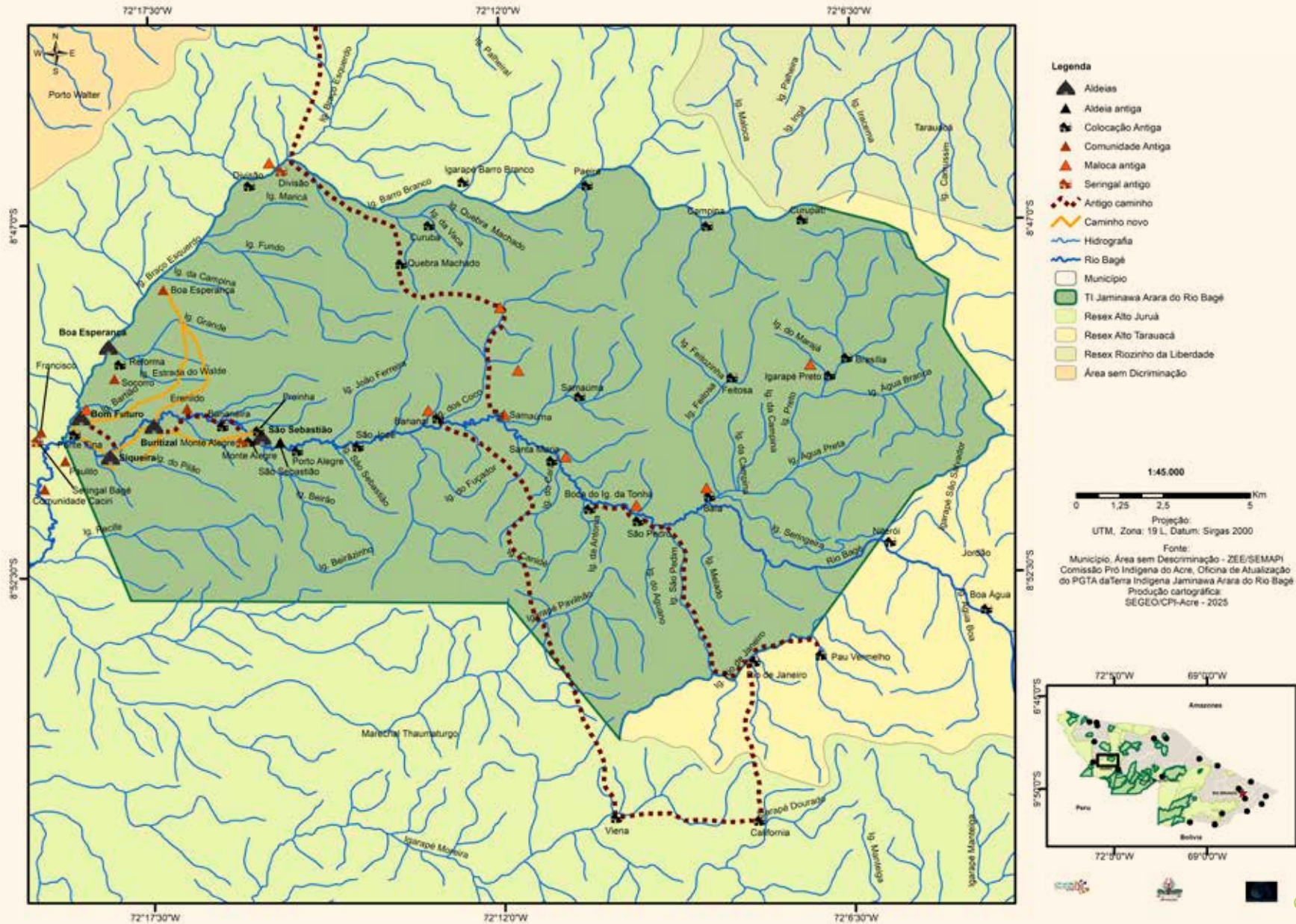


XVI. A CONSULTA PREVIA AO POVO JAMINAWA ARARA

Vamos buscar o apoio dos nossos parceiros para elaborar o Protocolo de Consulta, para discutir e nos organizar internamente, e nos preparar para dialogar com representantes do Estado sobre o que queremos, como queremos que cheguem as políticas públicas em nosso território, bem como sobre decisões que podem afetar nossos direitos.



Mapa Histórico da Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé



Posfácio

A primeira versão do Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Jaminawa Arara do Rio Bagé foi elaborada em 2013, por meio de uma consultoria da Comissão Pró-Índigenas do Acre (CPI-Acre) à Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA), no contexto do Programa de Inclusão Social e Desenvolvimento Econômico Sustentável do Estado do Acre (PROACRE). Em 2016, atendendo a uma solicitação das comunidades da Terra Indígena, a SEMA realizou a primeira atualização do Plano.

Nos anos de 2024 e 2025, no âmbito do projeto “Segurança Alimentar e Ambiental em Comunidades da Fronteira Acre-Ucayali”, com apoio da ONG Manos Unidas, o Plano foi novamente atualizado. Esse processo ocorreu por meio de oficinas realizadas nas aldeias Bom Futuro e São Sebastião, com ampla participação de lideranças, agentes agroflorestais, professores, alunos, agentes indígenas de saúde e de saneamento, entre homens, mulheres e jovens das cinco aldeias: Boa Esperança, Bom Futuro, Siqueira, Buritizal e São Sebastião. Também estiveram presentes representantes das comunidades Cassiri, Seringueirinha e Braço Esquerdo (conhecida como Terra da Borracha), da Reserva Extrativista Alto Juruá.

A Associação Jaminawa Arara do Rio Bagé (AJARB) e a Comissão Pró-Índigenas do Acre (CPI-Acre) foram responsáveis pela organização das oficinas, com colaboração ativa das lideranças locais: José Batista Siqueira, cacique da aldeia São Sebastião e presidente da AJARB; Maria José, coordenadora geral das mulheres; José Francisco Siqueira, liderança geral da Terra Indígena; Nádia Lima Batista, coordenadora das mulheres da aldeia Siqueira; o agente agroflorestal Narciso Cerqueira Arara; e a professora da aldeia Bom Futuro, Socorro Arara.

Ao todo, participaram 62 pessoas: 28 mulheres, 34 homens e 13 jovens com idades entre 9 e 14 anos. O protagonismo das mulheres e dos jovens foi de grande relevância, trouxe reflexões e contribuições valiosas, demonstrando seu engajamento como participantes ativos nas decisões relacionadas à gestão territorial e ambiental do território, bem como nas decisões políticas internas.



